

TEMPO E MEMÓRIA: O REPENSAR CRÍTICO DE DIFERENÇAS E IDENTIDADES CULTURAIS EM POETAS DE ANGOLA E BRASIL

Carmen Lucia Tindó Secco

Universidade Federal do Rio de Janeiro

*Os vazios do verbo
encenam os tempos da memória
tessitura imaginária
de estranho e familiar desejo*

(LEDA MARTINS, 1996:5)

Este ensaio, estudando as relações entre tempo, memória e poesia – nos livros *Dizes-me coisas amargas como os frutos*, da poetisa angolana Paula Tavares; *Boitempo*, do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade; e em alguns poetas afro-brasileiros dos *Cadernos Negros* –, pretende demonstrar como a escavação do passado e da linguagem, bem como a ruminação das lembranças e dos sonhos antigos se afiguram, nas respectivas poéticas desses autores, como processos constituintes do repensar crítico de suas próprias identidades e raízes culturais.

Dividimos nosso artigo em três secções: “Amargas e Indeléveis Rumações”, que analisará a poesia de Paula Tavares; “O Itinerário dos Avessos”, que estudará os poemas de *Boitempo*, de Drummond; e “Entretecendo Memórias e Raízes...”, em que serão focalizados alguns poemas dos *Cadernos Negros*.

AMARGAS E INDELÉVEIS RUMINAÇÕES

Boi, boi,
 Boi verdadeiro,
 guia minha voz
 entre o som e o silêncio

(TAVARES, 2001: 7)

Sangue e amargor, voz e silêncio, amor e guerra, ritos e tradições, vida e morte, tempo e exumação – alguns dos vetores alegóricos que atravessam os poemas de *Dizes-me coisas amargas como os frutos* (2001), terceiro livro de poesia da escritora angolana Paula Tavares, quarto título de sua obra constituída por *Ritos de passagem* (1985, poemas), *O sangue da buganvília* (1998, crônicas) e *O lago da lua* (1999, poemas).

“Dizes-me coisas amargas como os frutos”, epígrafe do primeiro poema que dá título ao livro, é um provérbio do repertório das tradições dos *kwanyamas*, etnia do sul de Angola que habita uma zona vizinha à Huíla, província localizada no sudoeste angolano, região dos povos *mwilas*, onde nasceu, em 1952, na cidade do Lubango, Ana Paula Tavares, cuja descendência mescla as origens portuguesas da mãe e as *kwanyamas* advindas de sua avó paterna. Criada desde os nove meses de idade pela madrinha que, embora vivesse em Angola, cultuava em casa hábitos e costumes trazidos de Portugal, Paula foi conhecer mais profundamente as tradições de sua terra por intermédio de leituras e de projetos de investigação histórica e arqueológica em que trabalhou tanto na capital angolana, como em várias cidades do interior de Angola. Apesar de haver recebido uma educação portuguesa e só ter deixado o lar da madrinha para casar, pôde, durante a infância e a adolescência, observar, a uma certa distância, o universo das etnias locais à sua volta, mundo este que também ficou registrado nos desvãos de sua memória.

A poesia angolana, em geral, se tece pelo diálogo entre a oratura africana e as heranças deixadas pelos portugueses. No caso da *poiesis* de Paula Tavares, predominam elementos do imaginário cultural do sul de Angola, recriados por uma linguagem estética de intensa elaboração e condensação poética que opera com as formas fixas da tradição oral, entre as quais: os provérbios, as frases curtas, as metafóricas lições morais. Ao enveredar pelos caminhos literários, Paula optou por trabalhar com essas fórmulas da oralidade, reatualizando-as em seus poemas caracterizados pela economia e síntese verbal. Reinventa, desse modo, provérbios *kwanyamas* e ensinamentos da tradição dos povos da Huíla, efetuando um ritual de reencenação das vozes dos *griots* (antigos contadores de histórias) que se valiam da narratividade oral como meio de organizar o caos, legando às novas gerações os mitos fundacionais de suas culturas.

Seguindo o exemplo desses mais-velhos, a poesia de Paula Tavares se faz também guardiã da palavra e da memória ancestrais, embora estas sejam estética e criticamente sempre recriadas. O lirismo de Paula se engendra, pois, como uma teia múltipla que conjuga signos da modernidade e da tradição. Um dos eixos que permeia sua trajetória poética é a consciente opção por romper o silêncio que, em grande parte, envolve as mulheres angolanas, em particular as originárias das etnias do sul de Angola, que vivem da pastorícia, da criação do gado.

A presença bovina é tão forte, que, em *Dizes-me coisas amargas como os frutos*, o sujeito poético, em meio ao caos em que se encontra, invoca o “boi verdadeiro” e a “vaca fêmea” como figuras-tutelares que o poderão guiar pelos meandros da poesia, fazendo despertar, novamente, a inspiração estética, adormecida pelos sofrimentos coletivos, causados pelas guerras desencadeadas em Angola nos últimos vinte anos, e pela dor individual provocada pela ausência definitiva do amado.

Assim, na antecena do primeiro conjunto de poemas do livro, clama por esse boi mítico, cuja simbologia polissêmica aponta para a calma, a doçura, a força pacífica, a bondade, a capacidade de trabalho e de renovação necessárias ao seu país destruído por tanta fome, tanta miséria, tanto sangue derramado. Boi, “boitempo”, “boi da paciência”, metáfora das rumações da memória. Alegórica imagem de uma história de silêncios, de sons que se perderam, através dos séculos, pelos planaltos da Huíla e pela areia do deserto vizinho. Ligado também aos ritos da lavoura sagrada, da fecundação da terra, o boi é um dos animais sacrificiais oferecidos aos deuses do panteão religioso dos povos pastores, sendo considerado intercessor entre os vivos e os antepassados. O culto a esses é uma prática comum aos povos *bantu* de Angola, os quais sempre acreditaram no poder advindo dos mortos, em termos de aconselhamento e de circulação da força vital.

Desde seu primeiro livro, *Ritos de passagem*, o eu-lírico assume a rebeldia do grito e denuncia práticas autoritárias oriundas tanto dos valores morais lusitanos herdados, como dos preceitos ditados pela tradição angolana. Em relação a esta, por exemplo, critica o alambamento, que prescrevia a troca das noivas por bois ou cereais. Insurge-se também contra outros costumes cerceadores da liberdade feminina como o uso da tábua corretora que obrigava, nessa etnia, as meninas e moças a uma postura ereta, perfeita:

Cresce comigo o boi com que me vão trocar
 Amarraram-me já às costas a tábua de Eylekessa
 Filha de Tembo
 organiza o milho.
 Trago nas pernas as pulseiras pesadas
 Dos dias que passaram...
 Sou do clã do boi

(TAVARES, 1985: 27)

Declarando-se desse clã de pastores, o sujeito lírico reconhece que sua identidade se acha intimamente vinculada aos signos do gado e aos sabores, fragrâncias, tatos característicos dessas terras do sudoeste angolano. O odor do couro de boi se desprende dos três livros de poesia de Paula Tavares. A partir de *O lago da lua*, esse cheiro aparece associado sempre às sandálias do amado falecido e passa a impregnar suas entranhas de poeta e de mulher, marcando “com o seu perfume as fronteiras do seu quarto” (Tavares,1999:19) e os sentidos profundos de seus versos.

Para enfrentar a catástrofe pessoal e social, o sujeito lírico de *Dizes-me coisas amargas como os frutos* realiza, literariamente, uma espécie de “cerimônia do adeus”, dando a esta não a conotação funérea que a morte tem para o Ocidente, mas, sim, a significação angolana dos rituais de óbito tradicionais, através dos quais empreende uma catarse da amargura, da “escarificação das lágrimas” e das feridas gravadas na própria pele, para que vida e morte, conforme a cosmovisão africana da existência, voltem a se entrelaçar em ciclos míticos de eterno retorno e a memória não se perca, podendo se perpetuar de geração em geração.

O sujeito lírico se mostra consciente da dupla trajetória de seu rito poético: o do presente e o do outrora, o do plano existencial e o do histórico-social, o do enunciado feito letra no poema e o da enunciação que reencena poeticamente camadas antigas da memória individual e mítica.

De acordo com o ensaísta brasileiro Alfredo Bosi (1983:150), a “resposta ao ingrato presente é, na poesia mítica, a ressacralização da memória mais profunda da comunidade” que trabalha, então, “a linguagem da infância recalçada, a metáfora do desejo, o texto do Inconsciente, a grafia do sonho”.

O ITINERÁRIO DOS AVESSOS

Seu olhar parado é pleno
 de coisas que passam
 (...)
 e ressuscitam
 no tempo duplo
 da exumação

(DRUMMOND DE ANDRADE, 1987: 13)

Drummond, em seus poemas de *Boitempo*, também envereda pelos meandros das reminiscências. Benjaminianamente, o eu-lírico dos poemas repensa os cacos de sua história pessoal, os fantasmas familiares. Regressa, em sonhos e lembranças, à fazenda paterna em Itabira, cidade de Minas Gerais onde nasceu, encontrando aí várias das explicações para sua atual dissonância.

Cada objeto, cada recanto emerge do baú das recordações e a história é redesenhada: tanto a pessoal, como a coletiva. O Brasil patriarcal ressurgiu dessa incursão à casa de Itabira. A opressão do pai em relação aos empregados é denunciada e a ela é associada a história remota da escravidão. “A mancha de sangue tatuada no degrau”. (*Boitempo*, p. 48) traz a memória da tortura dos negros, das muitas injustiças praticadas.

Há, em *Boitempo*, como na poesia de Paula Tavares, a presença do gado, das lembranças rurais vivenciadas na infância; a imagem bovina invade os espaços da memória como reminiscências tutelares do passado vivido na roça. Sons, sombras da noite, cheiros, ruídos, luzes da manhã, paladares do leite tornam mais concretos e sensitivos os traços mnemônicos do sujeito lírico que recorda a casa da fazenda onde cresceu:

Entardece na roça
de modo diferente.
A sombra vem nos cascos,
no mugido da vaca
separada da cria.
O gado é que anoitece
e na luz que a vidraça
da casa fazendeira
derrama no curral
surge multiplicada
sua estátua de sal,
escultura da noite.
Os chifres delimitam
o sono privativo
de cada rês e tecem
de curva em curva a ilha
do sono universal.
No gado é que dormimos
e nele que acordamos.
Amanhece na roça
de modo diferente.
A luz chega no leite,
morno esguicho das tetas
e o dia é um pasto azul
que o gado reconquista.

(DRUMMOND DE ANDRADE, 2003: 905)

Segundo José Guilherme Merquior, “à força de sopesar o sentido do passado, Drummond parece ter chegado a uma pausa em *Boi-tempo*: a pausa em que a dor do perdido e do espinho do desejo cede

ao prazer imperturbado da degustação das *madeleines* itabiranas, em sábio sossego rememorativo” (Merquior, 1978:131).

Dessa maneira, Drummond torna-se apto a visualizar o “boi-tempo, ruminante-ruminando o tempo e a memória” (Sant’Anna, 1972: 200), de forma contemplativa. Como lembra Othon Moacir Garcia (1978, p. 216-217), este tempo é o das “reminiscências infantis do Poeta, reminiscências daquele mundo submerso pelo fluir do tempo, daquele tempo... perdido, daquele tempo que só pela poesia pode ser recuperado e revivido; tempo da memória, proustiano, enfim”.

No presente lírico, o eu-poético adulto tenta resgatar do outrora a imagem do menino sensível incompreendido pelos familiares. Por intermédio do jogo lúdico da linguagem e do lúcido esquadriñar do passado, procura recuperar a história pretérita, reconstruindo sua genealogia. Investiga, então, os significados de seus nomes, pronunciando-os magicamente, liberando o “abafado canto das origens”. (Drummond de Andrade, *Boitempo*: 61)

Ao apreender a história do Menino-Antigo que ele próprio fora, tece correlações entre a sua infância reprimida e o autoritarismo que sempre marcou a história do Brasil. A mineração, a relação senhor *versus* escravo, o Império, a República são reavaliados, sendo criticados os mecanismos repressivos que impediram a livre construção de uma identidade nacional.

Sob “os cacos de louça quebrada há muito tempo” (*Boitempo*: 144), o sujeito poético encontra o itinerário dos avessos, o subterrâneo dos sonhos, os fantasmas pretéritos. *Boitempo* transforma-se, portanto, na metáfora do ruminar da memória, do adentrar nas malhas do tempo, ao enalço das próprias raízes:

De cacos, de buracos
 de hiatos e de vácuos
 de elipses, psius
 faz-se, desfaz-se, faz-se
 uma incorpórea face,
 resumo do existido.

(DRUMMOND DE ANDRADE, 1987: 10)

ENTRETECENDO MEMÓRIAS E RAÍZES...

Cerrada a cortina, nada restará, senão,
 Um vão e um vulto vagos na memória

(PEREIRA, 1996: 190)

Também entre os poetas brasileiros de *Cadernos negros*, o tema da memória é recorrente, encontrando-se associado a dispersas reminiscências da história de opressões vivida pelos negros no Brasil. O verbo literário, em muitos desses poetas antologizados que fazem parte do *Movimento Quilombohoje*, busca preencher os vazios das lembranças, conforme anunciam os versos de Leda Martins que abrem essa coletânea de poesia negra brasileira e que selecionamos para epígrafe deste trabalho.

A poesia desses *Cadernos* assume a perspectiva de escrever sobre o tema do negro, denunciando o cotidiano de racismo vivenciado no Brasil por afro-descendentes. Essa produção poética é marcada pela oralização da “fala” e por uma forte consciência crítica em relação às discriminações sofridas pelos negros brasileiros ao longo dos séculos. Conceição Evaristo, por exemplo, com grande sensibilidade, aborda a resistência das mulheres negras, cuja feminilidade está enlaçada à questão da memória e da maternidade, guardando no tecido da própria poesia a lembrança de guerreiras negras como a rainha *Nzinga* de Angola:

A noite não adormece
nos olhos da mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

(...)

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois nosso sangue-mulher
do nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.

(EVARISTO, 1996: 26)

A rede poética da linguagem se trama em fios aquosos de sangue-vida, misturados aos invisíveis sonhos advindos da noite do inconsciente milenar que, em constante vigília, não deixa adormecer a memória das raízes ancestrais. Assim, ao presente adverso de fome e lágrimas resiste um outrora de lembranças sob a forma de meninas-luas e de mulheres fortes.

Na produção literária desses poetas, “pisca a memória/ imagens de tempos remotos/ e também de coisas recentes./ O ar está pesado/ tem estado/ No mundo lá fora há fome. / Não se come? No mundo cá dentro há cansaço” (Vieira, 1996:126). Nestes versos de Lia Vieira, depreendemos a tensão constante entre o passado e o hoje de muitos negros brasileiros que foram e continuam a ser excluídos por uma sociedade desigual que retira deles a própria humanidade.

A imagem bovina da resignação e da paciência que aparece tanto na poesia da angolana Paula Tavares como na do brasileiro Carlos Drummond de Andrade – também se encontra na de Waldemar Eusébio Pereira, um dos poetas dos *Cadernos negros*:

Deponho as armas da batalha diária.
 a um canto jazem a certeza,
 a caneta, o papel e o processo,
 os códigos e a rigidez legais.
 chego-me à janela.
 a tarde é quase finda.
 quem a essas horas
 chegaria ao vão de uma janela
 que dá para uma rua qualquer
 e desperta o mundo?
 didi já terá ouvido o “angelus”
 em todas as estações de rádio
 que lhe fora possível sintonizar.
 macário já terá saboreado o seu primeiro
 gole de cerveja gelada e, talvez,
 escrito o poema ruminado
 à tarde na repartição,
 entre tocos de cigarros
 e o maluco metralhar da olivetti mecânica.
 lucy terá servido a sopa à mãe,

enquanto um mendigo encontrará
nos restos do lixo sua primeira refeição.
talvez minha mãe morra numa dessas tardes,
reconfortada pelo agasalhador calor de uma sopa.
a vida, assim, uma sucessão de trilhos,
sem sobressaltos de estações e passageiros,
marchando sempre, murchando sempre.
mudo na quietude mansa
de boi de pasto, apenas miro e rumino;
dentro de mim um rio apressa o passo.
se fecho os olhos
me abro em sucessivos velozes quadros de mim;
vozes murmuram contracantos em corredeiras.
(...)
um vento frio e macio me visita
e descobre a lua; pequena barcarola no céu.
aos poucos o movimento na rua
são alguns sonolentos transeuntes
que fogem de uma chuva miúda, recém-vinda.
não sei porque fui à janela.
não sei por que vãos nas janelas,
se a noite engolirá meus pensamentos
com a naturalidade com que acaba de tragar
indiferentemente o dia.
cerrada a cortina, nada restará, senão,
um vão e um vulto vagos na memória.

(PEREIRA, 1996: 189-190)

O sujeito-poético, após a lida intensa de um dia de trabalho, se apresenta à janela da casa, à janela da própria vida, à janela da poesia. O vão aberto por onde espia a rua lhe traz fragmentos da realidade presente, mas lhe abre também a alma, fazendo emergirem do

inconsciente memórias esgarçadas. Como um boi paciente em seu ruminar introspectivo, mastiga fragmentos de lembranças recentes e antigas. O burburinho e o movimento da rua se mesclam com o desfilar vertiginoso do próprio pensamento do sujeito lírico. A janela se torna, assim, um vão tanto aberto para fora, como para dentro. Por entre os vãos das palavras, a poesia se forja fluida, colocando o mundo e o ser em questão. A janela, dessa forma, pode ser lida, metaforicamente, como espaço do próprio poema.

Cruzando os textos poéticos aqui estudados de Drummond, de Paula Tavares e de alguns dos representantes dos *Cadernos negros*, constatamos que a memória perpassa a produção de todos, instituindo-se como elemento de resistência no que se refere à procura das origens identitárias dos sujeitos poéticos que, através das rumações do tempo e das lembranças, tentam reatar fios dispersos de suas raízes. É interessante notar que, nos versos de Paula Tavares, apesar da fome e da guerra que mutilou Angola, o sujeito poético, mesmo fraturado, se encontra mais próximo das tradições de sua terra. Já em Drummond e nos poetas dos *Cadernos negros*, existe uma relativa distância temporal em relação às heranças culturais africanas e, embora haja um esforço grande por recuperá-las por meio de um processo rememorativo, há também consciência da impossibilidade de um resgate pleno, pois o que fica sempre é uma sensação de vazio, de “um vão e um vulto vagos na memória”.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de (2003). *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- (1987). *Boitempo I*. Rio de Janeiro: Ed. Record.
- (1987). *Boitempo II*. Rio de Janeiro: Ed. Record.
- BOSI, Alfredo (1983). *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix.

- EVARISTO, Conceição (1996). In: *Cadernos negros*, 19. Coletânea de poesia. Org. de Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa e Sônia Fátima da Conceição. São Paulo: Quilombhoje; Editora Anita.
- GARCIA, Othon Moacir (1978). “Alguns processos poéticos de Carlos Drummond de Andrade”. In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Carlos Drummond de Andrade*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 202-234.
- MARTINS, Leda (1996). Epígrafe de *Cadernos negros*, 19. Coletânea de poesia. Org. de Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa e Sônia Fátima da Conceição. São Paulo: Quilombhoje; Editora Anita.
- (1997). *Afrografias da memória*. SP: Editora Perspetiva; BH: Mazza Edições.
- MERQUIOR, José Guilherme (1978). Notas em função de “Boitempo” (I). In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Carlos Drummond de Andrade*. 2.^a ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 123-145.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de (1972). *Drummond, o “gauche” no tempo*. Rio de Janeiro: INL.
- SANTIAGO, Silviano (1976). *Carlos Drummond de Andrade*. Petrópolis: Vozes.
- PEREIRA, Wanderlei Eusébio (1996). In: *Cadernos negros*, 19. Coletânea de poesia. Org. de Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa e Sônia Fátima da Conceição. São Paulo: Quilombhoje; Editora Anita, p.190.
- TAVARES, Paula (1985). *Ritos de passagem*. Poemas. Luanda: União dos Escritores Angolanos. (Cadernos *Lavra & Oficina*, 55).
- (1998). *O sangue da buganvília*. *Crônicas*. Praia; Mindelo: Centro Cultural Português.
- (1999). *O lago da lua*. Poemas. Lisboa: Ed. Caminho.
- (2001). *Dizes-me coisas amargas como os frutos*. Lisboa: Editora Caminho.
- VIEIRA, Lia (1996). In: *Cadernos negros*, 19. Coletânea de poesia. Org. de Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa e Sônia Fátima da Conceição. São Paulo: Quilombhoje; Editora Anita.

ABSTRACT

This text addresses the relations amongst time, memory and poetry, in the books *Dizes-me coisas amargas como os frutos*, written by the Angolan poet Paula Tavares; *Boitempo*, written by the Brazilian poet Carlos Drummond de Andrade; and some Afro-Brazilian poets who published *Cadernos Negros*. It aims to demonstrate how the exploration of the language and the memories of the past appears within these authors' poetics as constituent processes of the critical rethinking of their own identities and cultural roots.

Keywords: time, memory, poetry Angola, Brazil

RESUMO

Este texto aborda relações entre tempo, memória e poesia, nos livros *Dizes-me coisas amargas como os frutos*, da poetisa angolana Paula Tavares; *Boitempo*, do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade; e em alguns poetas afro-brasileiros dos *Cadernos Negros*. Pretende demonstrar como a escavação da linguagem e de lembranças do passado se afiguram, nas respectivas poéticas desses autores, como processos constituintes do repensar crítico de suas próprias identidades e raízes culturais.

Palavras-chave: tempo, memória, poesia, Angola, Brasil.

